

TEMPO DE TEMPO EM TEMPO

Benedito Eliseu L. Cintra
(PUCSP)

Fugit irreparabile tempus: “foge irreparavelmente o tempo” (Virgílio). Nada mais maldito pelo homem do que o tempo. Porque é “devorador das coisas”: **tempus edax rerum** (Ovídio). Já **Kronos** devorara seus filhos, restando apenas **Zeus**, por isso alçado à supremacia Olímpica. Até hoje, então, Olímpico é aquele que, pelo contrário, devora o tempo. Quer o homem ser eterno? Nada mais aborrecido, se ficarmos com a célebre definição que Boécio deu da eternidade: **interminabilis vitae tota simul et perfecta possessio**: “posse perfeita e simultaneamente total de vida interminável”. Se perfeita, perfazidamente acabada; se simultaneamente total, terminantemente contraída; se de vida interminável, nem acabada nem contraída! Mas, deixando esta impossibilidade de vida e eternidade, o aborrecimento, por ser eterno nos termos acima, está em nada poder acontecer como novidade, criatividade, curiosidade, imprevisibilidade, maravilhamento, risco, aventura e tudo quando, semelhantemente, contenha a surpresa do que ainda não é. Engana-se o homem por lastimar seu devir no Tempo?

Quem sabe se equivoque sobre o Tempo. Já os gregos se confundiam quando escreviam **Kronos** ou **Chronos**. Se **Kronos** era o personagem mitológico, para o tempo não mitológico, aquele dos humanos, reservavam **Chronos**, nem sempre seguros da diferença, mas, quem sabe, denunciando outro destino suportável: “**Kronos** tornou-se **Chronos** porque o tempo amadurece as coisas”¹. **Chronos** faz crescer, não devora mas fomenta, acumula para a maturidade e não é sócio de **Thánatos**. A morte, sim, tem uma grande aliada: **Pólemos**, a guerra, e talvez seja preciso dizer que nasceram juntas, pactuando entre si a desonra do Tempo, algures elevado a conselheiro do Criador a escandir sua obra e seu descanso pelo ritmo dos dias.

Ilude-se o homem ao pensar-se corroído pelo Tempo que lhe escapa. Perde-se o homem nesse engano, pelo qual se desculpa da inércia que estende a vida em pontos insignificantes. Fazemo-lo parceiro do movimento, o celestial dos astros ou o infernal dos átomos. Reduzimo-lo ao relógio e degradamo-nos à soma quantitativa de instantes mortos ao nascerem. Muito a propósito as matemáticas o indicam por um *t* minúsculo. É o avesso do Tempo, um avesso que não é o substrato da aparência, mas negação preguiçosa do que se esconde a olhos entorpecidos por sono assassino.

Repugna atribuir ao Tempo a substância das desgraças. É ele outra realidade: **Passagem**.

Passa o Tempo e não foge irreparavelmente. Passa no presente, rico do passado e grávido do futuro. É sempre crescente e seu sentido é durar, endurecer-se contra **Thánatos** e **Pólemos**. Falar do Tempo é falar do Homem, **essente** que não é ser, mas **sendo**. Aí está todo o desafio que a muitos faz correr contra o Tempo, atrás do que corre porque se pensa que corre. Não corre o Tempo mas se faz consistente, como aquele que, estando, sempre é projeto de ser. Projeta-se o Homem do Passado para o Futuro, como realidade que escava sua infinita plenitude. Cresce a cada passo a alegria do Futuro, não foge o Tempo, mas cresce. É Esperança na verdade do Presente sedimento do Passado, na verdade do Presente suspensão do Futuro. **Thánatos** e **Pólemos** estão sempre prontos a iludir, mas o Presente é Dom escondido para surpresa de quem entende. **Tende** o Homem em direção ao Ser, contra **Thánatos** e **Pólemos**, contra inércia e divisão. Trata-se de convertê-las em descanso e distinção.

Thánatos nos quer reverter ao passado. Quer fazer cessar o Tempo para repetir o fixado. Vale-se do medo que paralisa e nos acovarda com o inesperado. Ludibria-nos com a palavra, esta simples figura do real, como se o que nos **espera** no Futuro não estivesse no Presente de nossas **vidas**. Descansemos no Presente, tesouro do Passado, e deixemos ser a mensagem do Futuro. Heidegger nos recomenda **Gelassenheit**, Serenidade. **Deixar-ser**, **Seinlassen**, é a disposição da Liberdade frente à Verdade como **Desvelação**. A Serenidade dispõe o homem no âmbito do compreendido frente ao mistério, do Presente frente ao Futuro a **vir**, **avvenire**, **avener**. Descanso da Espera, onde o Sono é povoado de sonhos, onde a Morte é povoada de desejos. A Vida anuncia-se então por mensagens, inauditas para quem não **credita** no Presente o Futuro. A morte mata se recusa o Tempo, o tempo foge se recusa a Morte.

Pólemos nos arranca para o futuro. Não sabe suportar o Tempo e não tolera o que é dado. Divide o homem, precipitando-o para soluções ilusórias em que se dissolve. A guerra é aceleração falaz da história, impaciente quanto à obra do Tempo que amadurece a Vida, respeitando os ritmos da Criação. Não compreende que o Tempo é feito de tempos:

“Tudo tem seu tempo, o momento oportuno para
todo propósito debaixo do sol.

Tempo de nascer,
tempo de morrer;
tempo de plantar,
tempo de arrancar a planta.

Tempo de matar,
tempo de sarar;

tempo de destruir,
tempo de construir.

Tempo de chorar,
tempo de rir;
tempo de gemer,
tempo de bailar.

Tempo de atirar pedras,
tempo de recolher pedras;
tempo de abraçar,
tempo de se separar.

Tempo de buscar,
tempo de perder;
tempo de guardar,
tempo de jogar fora.

Tempo de rasgar,
tempo de costurar;
tempo de calar,
tempo de falar.

Tempo de amar,
tempo de odiar;
tempo de guerra,
tempo de paz.”

E prossegue Coélet, o Eclesiastes dos cristãos, em muitas outras observações, indicando a natureza oportuna do Tempo:

“Observei a tarefa de que Deus encarregou os homens para que se desincumbissem dela: tudo o que fez é apropriado ao seu tempo e colocou no coração do homem o conjunto do tempo; porém, o homem não abarca as obras que Deus fez desde o princípio até o fim.

Outra coisa observei debaixo do sol:
em lugar do direito se encontra o delito,
em lugar do justo se encontra o ímpio;
e pensei: ao justo e ao ímpio Deus os julgará, porque há um tempo para todo propósito de um lugar para cada ação”².

Os latinos diziam: **Age quod agis**: “Faze o que fazes”. **Pólemos** nos divide e por isso nos mata, quando nos arranca do oportuno do presente para o inoportuno do futuro, do oportuno do que fazemos para o inoportuno do que faremos. Faz calar a Serenidade frente ao Dom, Presença da Vida. **Pólemos** não tolera as distinções no Tempo: está sempre a nos

cortar da Duração doadora. Reencontro Virílio: os homens querem conquistar o Tempo, por isso é a Guerra Pura.

Diz Virgílio:

“A transpólitica é o início do desaparecimento do político na rarefação da última provisão: a duração. Democracia, consulta, bases do político, requerem tempo. A duração é própria do homem; ele está inscrito nela. Para mim, o transpólitico é o começo do fim... Luto contra o desaparecimento do político. Não estou dizendo que deveríamos reverter à democracia antiga, parar o relógio, e coisas do gênero. O que estou dizendo é que existe trabalho a ser feito, o trabalho epistemo-técnico de que estávamos falando antes, para restabelecer o político num tempo em que a tecnologia já não divide matéria e espaço geográfico (como era o caso nas antigas sociedades democráticas) mas em que a tecnologia divide o tempo — e eu diria: o esgotamento do tempo”³.

Para Heidegger, Temporalidade e Historicidade assinalam a Finitude do homem⁴. O homem não é dado uma vez por todas na plenitude do ser. Nisso há um limite intransponível, além do que é a morte. Acrescento: morte inumana, porque intolerância para com a Duração. É querer ser instantaneamente, ser Deus antes do Tempo. Pura “vaidade das vaidades”⁵, intensidade buscada numa única direção, a do futuro, em velocidade que rompe com o peso da História, esta carga que cabe ao homem sopegar, equilibrando-se na tensão do Tempo, fazendo justiça aos tempos das coisas e das pessoas. Se a Política requer Tempo, é para respeitar os tempos. Se a Política é obra do Tempo, é para recolher os tempos na consistência de uma Duração Vital, cujo Impulso não exige do homem senão a paciência em suportar a obra da História, que não é de um só. Paciente obra de Comunhão, unidade do diverso pela acolhida do distinto. Não há o Homem, há homens em busca do contato universal, a cada momento anunciado quando há fusão de tempos.

O Homem, cada homem, é Natureza, é Tempo, é Política. Não se trata de mistificar estas dimensões históricas de sua realidade. Elas não superam o Homem, mas são sua substância. Não se plenifica se não se identifica com elas, por uma atitude que é menos de palavras do que de gestos, menos de idéias do que de visão, menos de razão do que de intuição. O Tempo, porém, é sua alma. Natureza e Política se dão no Tempo. O Tempo é a felicidade do Homem. No Tempo, pelo Trabalho, ele constrói uma e outra, o que, agora, particularmente se evidencia, quando pode fazer as pazes com o Tempo. Escreve Mircea Eliade:

“Ao substituir o Tempo, o alquimista evitava cuidadosamente assumí-lo.”

É verdade que ainda escreve:

“E já que a irreversibilidade e a vacuidade do Tempo se transformou num dogma para todo o mundo moderno (precisemos: para todos aqueles que não se consideram solidários da ideologia judaico-cristã), a temporalidade assumida e experimentada pelo homem traduz-se, no terreno filosófico, pela consciência trágica da inutilidade de toda e qualquer existência humana.”

Todavia acrescenta:

“Mas continua a ser possível uma reconciliação com a temporalidade desde que cheguemos a uma concepção mais correta do Tempo”⁶.

Pessoalmente encontro no judeu-cristianismo, para muitos paradoxalmente, o caminho para reconciliar-me com o Tempo. Se abro a primeira página da Escritura leio:

“Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Eden para o cultivar e o guardar”⁷.

Não há lugar para o homem a não ser o Eden. O destino irrefragável do homem é o Tempo da Natureza e da Política. O Trabalho é culto, cultivo e guarda, encargo para com a Natureza e a Política, pelo qual estabelecemos o Fim dos tempos, não como morte do Impulso, mas como desdobramento sinfônico de uma harmonia **sempre** adveniente. E se abro a última página da Escritura leio:

“Vi então um céu novo e uma nova terra-pois o primeiro céu e a primeira terra se foram”⁸.

Sabemos como o tema da **renovação** é fundador na **Boa Nova** dos cristãos. Sabemos como se trata de uma **ação** de **renovar**, trabalho para o **Pão** de cada Dia e para o **Reino** do Amor. Terra e Céu, Natureza e Política, temporalmente se constituindo por obra renovada do homem: Passagem que é Vida sempre indo e sempre vindo, inesgotavelmente, aliás, perduravelmente. A Vida Eterna é eviterna porque no Tempo. Quero dizer: Cristo está no Tempo, e virá porque veio e sempre vem. Não pactua nem com a morte nem com a guerra, porque sempre instaura nova Terra e novo Céu. Sua obra é **Comunhão**, Paz da Natureza com a Humanidade e da Humanidade consigo mesma. Tempo é Vida Eterna para quem busca o Fim dos tempos, serenamente escavando a **Concórdia** pelo Amor. Amor que é **Eros** e **Agápe**, Desejo natural e Convívio político: Festa para quem não quer ouvir sempre a mesma música ou sorver todo o vinho instantaneamente, sabendo da aurora e do ocaso, do dia e da noite, dos tempos no Tempo, na Esperança serena e alegre do amanhã.

Há um mistério de iniquidade do outro lado do Tempo. Nele se esconde quem se diz Deus. Nele não acredito, porque sua força é a

Bomba, como se ela pudesse explodir o Universo. Pretensão pueril de quem não cresceu no Tempo por julgar-se na Eternidade. De fato é a eternidade da razão, do pensamento puro. Arrebatamento insano porque desconstrução da Carne, esta doce mas cruelizada substância do Tempo. “Qui veut faire l’ange, fait la bête”, para Pascal. É a besta do Apocalipse, esta, sim, querendo o fim do Tempo. Como se o Tempo fosse mera energia material, mortalmente se decompondo por obra de análise física ou ideal. A salvação está no Espírito. Também ele é substância do Tempo. Recolhe o Espírito a riqueza da Carne. Isso é o Tempo. Se não há Espírito, não há Tempo: é a pontualidade aglomerada da massa inerte; se não há Carne, não há Tempo: é a pontualidade instantânea de uma eternidade vazia. Ainda falamos de Espírito e Carne. O Fim dos tempos a vir é a Revelação = Apocalipse da Unidade, acontecendo a cada passo da História, esta obra, de quem dela se faz amigo, da Amizade. Não sou amigo da Bomba, porque não sou amigo de Thánatos e Pólemos, porque não sou amigo de Neikos.

“No princípio era o Verbo...
E o Verbo se fez Carne...
Deus é Amor!” (João de Patmos)⁹.

NOTAS:

- (1) Léon ROBIN, que deriva **Chronos** de **chraïnein** que também quer dizer “completar-se, finalizar-se”. Apud LALANDE, André. **Vocabulaire de la Philosophie**. Gême ed. Paris, P. U. F., 1951, v. **Temps**.
- (2) Ecl 3, 1-8. 10-11. 16-17. Cito sempre **A Bíblia de Jerusalém**.
- (3) **Guerra Pura**. Trad. Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 35-36.
- (4) Cf. **Sein und Zeit**, primeira parte, segunda seção.
- (5) Ecl 1, 2. Toda a reflexão de Coélet é um conjunto de “variações sobre um tema único, a vaidade das coisas humanas que é afirmada no começo e no final do livro... Procura consolar-se, pois vive totalmente insatisfeito” (**A Bíblia de Jerusalém**, introdução ao livro **Eclesiastes**).
- (6) **Ferreiros e Alquimistas**. Trad. Roberto Costes de Lacerda. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 140.
- (7) Gn 2, 15.
- (8) Ap 21, 1
- (9) Cito os versículos 1 e 14 do primeiro capítulo do Evangelho de João e o versículo 8 do quarto capítulo de sua Primeira Carta.